



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAÉ)
Departamento de Ciências Sociais

LUZICLEIDE SOUSA DE LIMA
LUXO, RIQUEZA E SEDUÇÃO: UMA ETNOGRAFIA
SOBRE A SOCIABILIDADE E USO DA FOTOGRAFIA NA
FORMAÇÃO DA IDENTIDADE TRAVESTI EM JOÃO
PESSOA

Rio Tinto Outubro/2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

LUZICLEIDE SOUSA DE LIMA

**LUXO, RIQUEZA E SEDUÇÃO: UMA ETNOGRAFIA
SOBRE A SOCIABILIDADE E USO DA FOTOGRAFIA NA
FORMAÇÃO DA IDENTIDADE TRAVESTI EM JOÃO
PESSOA**

Monografia apresentada ao curso de Bacharel em Antropologia, da Universidade Federal da Paraíba campus IV, em cumprimento às exigências para conclusão de curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Silvana de Souza Nascimento

Rio Tinto

Outubro/2012

L732l *Lima, Luzicleide Sousa de.*

Luxo, riqueza e sedução: uma etnografia sobre a sociabilidade e uso da fotografia na formação da identidade travesti em João Pessoa / Luzicleide Sousa de Lima. –

Rio Tinto: [s.n.], 2012.

62f.: il. –

Orientadora: Silvana de Souza Nascimento.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCAÉ.

1. Travesti – Performance. 2. Travesti – Identidade. 3. Travesti – Representação. 4. Travesti – Sociabilidade.

LUZICLEIDE SOUSA DE LIMA

**LUXO, RIQUEZA E SEDUÇÃO: UMA ETNOGRAFIA
SOBRE A SOCIABILIDADE E USO DA FOTOGRAFIA NA
FORMAÇÃO DA IDENTIDADE TRAVESTI EM JOÃO
PESSOA**

Prof.^a Dr.^a. Silvana de Souza Nascimento
(orientadora)

Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim
(Membro de banca examinadora)

Ao meu “incentivador maior” meu filho,
dedico..

AGRADECIMENTOS

Ao meu **Deus** por estar presente em minha vida nos momentos de alegrias e tristezas...

Ao meu filhote **Witamar Filho** (witinha) que teve muita paciência com a “mamadi” na etapa final desse trabalho e por ser o meu grande orgulho.

Aos meus pais o Sr. **Givaldo Vital de Lima** e a Sra. **Luzinete Sousa de Lima** que me apoiaram no decorrer desse trabalho e que sempre serão as peças fundamentais e importantes tanto na minha vida acadêmica quanto pessoal.

Aos meus irmãos **Gilson Sousa, Luzineide Sousa e Letícia Sousa** pelo companheirismo e amizade.

Aos meus sobrinhos **Alessandro Lucas e Miguel Soares**, com muito carinho a esses bebês que a “teteia” ama muito.

Aos meus **tio/a(s), cunhado/a, avó/ô(s), bisavó, primo/a(s) a todos da minha família** com muito afeto e gratidão, mas não irei citá-los, pelo fato da família ser extensa e correr o risco de esquecer alguém.

Ao meu namorado **Alberto Lira** melhor amigo e companheiro com muito amor e carinho.

À minha orientadora **Prof.^a Silvana Nascimento**, em especial, pela paciência, colaboração, incentivo e acompanhamento que muito me auxiliou no campo e no amadurecimento dos meus conceitos, durante toda realização desse trabalho. E não me esquecendo das suas maravilhosas “desorientações antropológicas” que foram muito importantes durante o período em que fui uma das suas “desorientandas”.

As **idas e vindas de João Pessoa/Rio Tinto** das “três escoteiras” “**eu, Aline Paixão e Lívia Freire**” (companheiras de ontem, hoje e sempre), **Suely Luna e Verônica Guerra** que também contribuíram para a realização desse trabalho.

A todas as “**divas glamorosas**”, em especial, a minha primeira pesquisada **Beatriz Duarte** que me inspirou a escolher o tema desse trabalho.

Aos meus **amigos e colegas**, em especial, **Tatiana Lilia** (amiguxa), **Mácia Donato, Ataídes Cassimiro, Rafael Santos, Jacqueline Martins** (amiga desde a infância), **Dayanne Dayse** (tradutora) e **Andréa Salomé** que sempre acreditaram no meu esforço.

Ao **CNPQ** pela bolsa de iniciação científica concedida por quase 3 anos que muito auxiliou para execução desse trabalho.

Ao professor **Siloé Soares de Amorim** por compor a banca examinadora e por fazer parte desse momento tão especial de aprendizado de uma das minhas “primeiras de muitas” conquistas acadêmicas que estão por vir.

A todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial a **Lara Amorim** e **João Martinho** da Antropologia visual que muito contribuíram suas aulas para realização desse trabalho. Obrigada a todos!

“Sempre achei a Luiza Brunet maravilhosa, principalmente quando eu era novinha. Mas hoje em dia acho que a Deborah Secco é a grande inspiração. Gosto do trabalho, também conheci ela pessoalmente, acho linda. Eu queria ser uma Déborah Secco travesti (risos). Tanto pela oportunidade de trabalho, quanto pela beleza”. (Travesti Patrícia Araújo, entrevista realizada em <http://katiasteelmanwalker.blogspot.com.br/2011/09/patricia-araujo-quero-ser-deborah-secco.html>, acessado em setembro de 2012).

RESUMO

Este trabalho busca elucidar questões sobre a identidade travesti que faz parte de uma classificação de gênero que subverte a heteronormatividade por suas performances e representações sociais. A partir da observação participante, tento demonstrar as formas de sociabilidade, performances e autoimagem travesti, a partir de suas fotografias, que tem uma grande importância para a construção de suas identidades tanto no meio “real” (cidade de João Pessoa) quanto no meio “virtual” (Badoo, Facebook, MSN e Orkut). Em virtude da aproximação de algumas protagonistas ter se dado pela internet, busco compreender que são nesses lugares que as mesmas, por serem estigmatizadas, não precisam ter um tipo de comportamento esperado pela sociedade. É nesse “mundo virtual” que elas afirmam “ser” ou “parecer ser” a imitação “perfeita” de uma “mulher” e/ou “diva”. Sendo assim, buscam igualar-se a uma representação do feminino, de modo mimético, dissolvendo certa definição biológica e social de “homem” e “mulher”.

PALAVRAS CHAVE: travesti, performance, fotografia, sociabilidade, internet.

ABSTRACT

This paper's goal is to elucidate questions about transvestites which are part of a gender classification that subverts heteronormativity for their performances and social representations. Based on (a) participant observation, I try to show the transvestite forms of sociability, performances and self-image from their picture which has a very important role in the construction of their identities both in the "real" (João Pessoa city) and in the "virtual" (Badoo, Facebook, MSN and Orkut) environment. By virtue of the approach between me and some protagonists via internet, I try to understand that it is in this place where they, being stigmatized, are not required to have a type of behavior expected by society. It is in the "virtual world" they claim to "be" or "appear to be" the "perfect" imitation of a "woman" and/or "diva". Therefore, they seek to be equal to a female representation, in a mimetic way, dissolving a certain biological and social definition of "man" and "woman".

KEY WORDS: transvestite, performance, photograph, sociability, internet.

SUMÁRIO

Lista de imagens.....	1
Introdução.....	2
Apresentação das divas “glamourosas”.....	8
Capítulo 1: NO MUNDO REAL DAS “TRAVAS” DE JOÃO PESSOA: O GLAMOUR NA VOGUE.....	14
1.1: Dos lugares aos não lugares da sociabilidade travesti.....	24
Capítulo 2: A SOCIABILIDADE “TRANS” NAS REDES SOCIAIS.....	28
2.1: A fotografia como construção da identidade travesti.....	29
2.2: “Gloss, Glamour, Purpurina”, a sociabilidade trans no Orkut.....	32
2.3: Travas “on line” no badoo: um mundo para se socializar e se Conectar.....	39
2.4. Ascensão social <i>versus</i> transfobia.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

Lista de imagens

Figura 1. Yasmin Kaziraguai.....	2
Figura 2. Eu, Yasmin Kaziraguai e Ackla Beatriz.....	3
Figura 3. Yasmin Kaziraguai “olhar pensativo”.....	3
Figura 4. Yasmin Kaziraguai.....	3
Figura 5. Yasmin Kaziraguai “empinar a bundinha”.....	4
Figura 6. Karlinha Trans “empinar a bundinha”.....	5
Figura 7. Travesti Mimosa “empinar a bundinha”.....	5
Figura 8. Karlinha “cabelos ao vento” (álbum do Orkut).....	6
Figura 9. Ackla Beatriz “decote sensual” (álbum do Orkut).....	6
Figura 10. Karlinha “roupa ousada” (álbum do Orkut).....	7
Figura 11. Yasmin Kasiraguy “gesto obsceno” (álbum do Orkut).....	12
Figura 12. Igreja nossa Senhora do Carmo de João Pessoa.....	13
Figura 13. “Biuzinha Priqui” drag caricata (álbum Facebook).....	17
Figura 14. Layse Kilary (performance Vogue João Pessoa).....	18
Figura 15. Layse Kilary (performance Top Drag 2009).....	18
Figura 16. Magali Show na Vogue João Pessoa.....	19
Figura 17. Magali Mel, Diet e Light (Fotoblog Magali Mel).....	19
Figura 18. Magali Mel convite da Vogue João Pessoa	20
Figura 19. Diet em performance na Vogue João Pessoa.....	20
Figura 20. Isabelita dos patins (blogpost).....	21
Figura 21. Thuany Haila, Top Drag (álbum facebook).....	21
Figura 22. Magali Mel na Vogue João Pessoa.....	22

Figura 23. Natália Guimarães Miss Brasil 2007 site World diverse.....	28
Figura 24. Alycia Scaranz capa da revista Vogue (álbum do Orkut).....	28
Figura 25. Ackla Beatriz deitada no sofá (álbum do Orkut).....	35
Figura 26. Ackla Beatriz com fantasia de carnaval.....	35
Figura 27. Close no rosto de Ackla Beatriz.....	36
Figura 28. Karlinha na praia “fio dental”.....	37
Figura 29. Karlinha em pé exibindo a lingerie preta (álbum do Orkut).....	38
Figura 30. Karlinha sentada com a “mão na bunda” (álbum do Orkut).....	38
Figura 31. Karlinha deitada na cama (álbum do Orkut).....	38
Figura 32. Karlinha “de quatro” (álbum do Orkut).....	38
Figura 33. Travesti no Baddo.....	40
Figura 34. Travesti Brenda.....	42
Figura 35. Luisa Marilac na piscina.....	43
Figura 36. Luisa Marilac se preparando para gravar um vídeo.....	44
Figura 37. Vídeo “violência travesti”.....	44

Introdução

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo compreender, por meio da observação participante, as formas de modificação dos corpos, autoimagem, *performance* e a sociabilidade de travestis¹ na cidade de João Pessoa e em redes sociais (Orkut e Badoo). A pesquisa fez parte de um projeto mais amplo sobre diversidade sexual e de gênero na região metropolitana de João Pessoa coordenado pela profa. Silvana Nascimento, do Departamento de Ciências Sociais do Campus IV da UFPB (Edital 03/2008 do CNPq). Dentro deste projeto, participei como bolsista PIBIC/CNPq no período de 2008 a 2010.

A ideia de pesquisar travesti surgiu no segundo período do curso de Antropologia e Culturas indígenas, onde foi administrada a disciplina de Estudos Etnográficos, pela mesma professora. No decorrer das aulas foram selecionados alguns textos para que os alunos apresentassem em sala de aula. Um dos livros escolhidos foi o de Don Kulick², *Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*, que trouxe muitas curiosidades e descobertas para os discentes. A apresentação do livro ocorreu em vários seminários e em alguns casos foram feitas algumas entrevistas com travestis.

Ao chegar a João Pessoa depois de mais uma aula (na Universidade do Campus IV/Rio Tinto) por volta das 23h30m da noite, observei um homossexual conversando com outro/a(s) colegas em voz alta e dando muitas gargalhadas. Isso chamou a minha atenção e comecei a refletir sobre as “travestis” do livro de Don Kulick. Imaginei que ele/a(s) pudessem servir como informantes e ajudar na minha apresentação do seminário. Aos poucos fui aproximando-me e em alguns minutos, “eu já fazia parte do grupo”. Sob a perspectiva da “observação participante” de Malinowski, resolvi integrar ao grupo naquele instante. Para minha surpresa a “bicha³” que primeiro chamou a minha atenção, apresentou-se com um nome feminino. Daí surgiram várias dúvidas quanto às travestis que Don Kulick descrevia em seu livro: Como ele pode usar o nome de mulher se está vestido de homem? E o silicone? Cadê os seios, cabelo, peruca e a maquiagem?

¹ O termo travesti é usado nessa pesquisa no gênero feminino, pelo fato das mesmas utilizarem nome social “feminino”. Por exemplo: (a(s)/da(s) travesti(s)).

² Antropólogo sueco que pesquisou a vida cotidiana das travestis que trabalhavam no centro histórico de Salvador-Bahia, detalhando como agiam, pensavam e suas dificuldades na inserção na sociedade brasileira.

³ Esse é um termo/gíria que as travestis entre amiga/o (s) utilizam para designar um homossexual masculino. É o mesmo que gay, bi, veado ou homem efeminado.

Esse momento foi a gênese para muitas inquietações de uma aluna do 3º período do curso de antropologia. Mesmo assim, tentei “familiarizar-me” e no final quando os ônibus chegaram, ao nos despedirmos trocamos os endereços de Orkut e os números de telefones. Assim que cheguei a minha casa, adicionei-a/o(s) na minha rede social. Ao olhar o endereço, para minha surpresa, ele/a estava vestido/a de mulher, usando o nome social feminino bem diferente de que quando o/a conheci. Depois de algumas trocas de mensagens combinamos de nos encontrar para realização de uma entrevista e tirar algumas fotos no centro histórico da cidade de João Pessoa. Ou seja, uma negociação que foi imposta por ela: eu poderia entrevistá-la, mas se tirasse algumas fotos da mesma e depois passasse para ela todas as fotos em um CD-ROM. E assim, entrevistei-a e a sua colega que também se auto identificava como uma travesti. Ambas estavam maquiadas, cabelos arrumados, de sandálias com salto alto, bolsa, pulseiras e brincos. O que diferenciava as duas era que Ackla se vestia de “menino” durante o dia para trabalhar e Yasmim Kaziraguay sua colega vestia-se de “menina” 24 horas por dia. Mesmo com essa distinção, as mesmas se identificavam como “travestis”, mulheres vaidosas, sensuais e “feminíssimas”.

A cada “clíc” da câmera digital faziam uma pose diferente e foram muitas as fotos, nas escadarias da igreja de São Paulo, sendo entrevistadas, sentadas no banco da praça entre outros locais do centro histórico. Figuras: 1,2,3 e 4.



Figura 1- Yasmim Kaziraguay olhar fixante para a câmera, Amanda Marques 2009.



Figura 2- Eu ao lado de Yasmim Kaziraguay e Ackla, primeiro encontro com essas travestis. Amanda Marques em 2009.



Figura 3 – Sentada no muro da igreja de São Paulo no centro histórico da cidade de João Pessoa. Yasmin Kaziraguai sob a perspectiva de um olhar “pensativo”, movimento no cabelo ao seu lado bolsa e seus acessórios femininos. Foto Amanda Marques em 2009.



Figura 4 - Yasmim Kaziraguai, ainda sentada no muro da igreja São Paulo, “olhando para baixo”, fazendo uma pose para “parecer que foi fotografada sem saber”, truque usado “propositalmente”, na maioria das suas fotografias. Foto Amanda Marques em 2009. Acesso em maio de 2012: <http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=15203471325149907137&aid=1233227870>, acesso dezembro em 2011.

A partir desse momento percebi que a fotografia tinha importância para ambas, pois assim que terminasse esse “ensaio fotográfico”, elas postariam suas fotos no Orkut para receberem vários comentários. Depois desse contato com essas travestis, comecei a visitar o Orkut delas e de suas outras amigas também. A partir dessas “visitadas” pude ter acesso as suas fotos na “night⁴” que, logo, levaram-me a conhecer o “lugar” das “travas” de João Pessoa, a “badalada”, boate Vogue-João Pessoa⁵. Foram muitas as idas (com o uso da câmera fotográfica e do caderno de anotação) para essa boate com o intuito de tentar compreender a *performance* e a importância da “beleza feminina” para a identidade travesti. Pois, a imagem visual tem “uma capacidade de reproduzir e sugerir, por meios expressivos e artísticos, sentimentos, crenças e valores”. (MOREIRA LEITE, 1998, p.44) E ao olhar essas imagens reproduzidas por mim, ou por outras pessoas do Orkut, percebi algumas semelhanças nas poses tais como, (fazer “biquinho”, “empinar a bundinha”, deixar o “cabelo ao vento”, “face Power” (uma foto de close do rosto), “carinha de menina inocente”) ou também poses provocantes e até eróticas. Figuras 5, 6, 7, 8,9 e 10.



Figura 5: “Empinar a bundinha”, Acesso em junho de 2011: <http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=15203471325149907137&aid=1233227870>

⁴ Gíria utilizada para designar noite, hora da diversão.

⁵ Boate frequentada pelo público Gay localizada no centro histórico da cidade de João Pessoa.



Figura 6: Karlinha Trans, na sala de aula, “biquinho” , mão nos joelhos e “ empinando a bundinha”, Acesso em junho de 2011:<http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=6707444842198796911&aid=1313182239>



Figura 7-Mimosa com as mãos no joelho sorrindo para a lente da câmera. Silvana Nascimento em 2010.



Figura 8: “Cabelo ao vento”, um efeito com um ventilador ligado. Acesso em junho de 2011

<http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=6707444842198796911&aid=1335474505>



Figura 9- Decote sensual, fazendo “biquinho” com um jeito de “inocente” e ao mesmo tempo “*carinha de safada*”, segundo o comentário dessa foto. Acesso em março de 2012:
<http://www.orkut.com.br/Main#AlbumZoom?gwt=1&uid=5322760651320932688&aid=1330243009&pid=1334858678256>



Figura 10: Karlinha Trans, com uma roupa “ousada” fazendo uma pose sensual. Nessa foto, ela procura mostrar o tamanho do fio dental, os seus cabelos compridos, ou seja, de costas ela parece uma “mulher ousada e sensual”, características estas almejada por algumas travestis. Acessado em junho de 2011.

<http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=6707444842198796911&aid=1>

APRESENTAÇÃO DAS DIVAS “GLAMOUROSAS”

Como já disse, o primeiro contato foi com Ackla Beatriz (23 anos, natural de João Pessoa) conheci dentro da integração de João Pessoa quando eu estava voltando da universidade. Conheci-a imaginando ser um “bicha” com cabelo curto, calça jeans e masculina, sem maquiagem ao lado de vários/a(s) colegas. Tive um grande susto, pois a mesma apresentou-se com seu nome social “Ackla Beatriz” com uma voz suave bem afeminado. Senti um embaraço por acreditar que assim como no livro de Don Kulick as travestis deveriam possuir silicone, cabelo comprido, estar maquiadas e vestir-se 24 horas como mulher. Mas depois que a adicionei ao Orkut, percebi que não tinha como tratá-la por ele, pois estava vestida de mulher, maquiada, com cabelo tamanho médio, ou seja, uma “mulher” e nas suas fotos estava com poses sensuais. Havia muitos comentários nas suas fotos, a maioria era elogiando a sua beleza. Depois de

conversarmos “on line”, perguntei se a mesma se importaria de participar de uma entrevista comigo e mais duas colegas da Universidade. Ela aceitou e realizamos essa entrevista, mas com uma condição proposta por ela, que nós entregássemos depois num CD-ROM suas fotos. Nessa época, as minhas colegas e eu participávamos de um projeto de extensão voltado para duas aldeias potiguaras. Ackla cogitou que gostaria de participar da Miss Paraíba Gay representando a cidade de Rio Tinto. Ao saber que tínhamos contato com o pessoal das aldeias, ela se animou para que conseguíssemos um cocar, segundo ela, “original” feito pelos índios, pois chamaria atenção do público na hora da apresentação com traje típico. Até então, não sabia que existia o Miss Paraíba Gay e que o concurso era aqui na cidade de João Pessoa no Teatro Santa Rosa.

Como já estava próximo do carnaval, ela falou que todos os anos desfilava em uma escola de samba como madrinha de bateria do carnaval tradição de João Pessoa. E também usava seus “modelitos” sensuais nas prévias carnavalescas (bloco das Virgens de Tambaú) e nas suas saídas à noite para a boate Vogue. E a cada saída via as fotos sendo postadas em seu endereço do Orkut.

No dia da entrevista com Ackla Beatriz conheci também Yasmim Kaziraguy (22 anos, natural de João Pessoa) diferente da primeira, vestia-se 24 horas de mulher e trabalhava num salão de beleza. Ela havia injetado silicone nos seios e possuía cabelos naturais compridos. Além de possuir uma beleza “natural feminina”, elogiada por muitos. E essa forma de “ser natural”, quase uma mulher, é de grande importância para algumas travestis. Para que isso aconteça é necessário que comece cedo a tomar hormônio feminino (pílulas anticoncepcionais que contém estrogênio).

Ela levou uma câmera fotográfica, fez várias poses, num mesmo local, além de tirarmos foto com a nossa câmera, ela pedia para tirar da sua também. No final da entrevista peguei o endereço do Orkut da mesma e adicionei-a. Percebi que em seu endereço virtual possuía muitos recados, fotos e também vários elogios e depoimentos admirando a sua beleza.

Depois de entrar em contato com essas duas travestis, fui à ASTRAPA (Associação das Travestis da Paraíba) junto com alguns colegas do curso de antropologia e com a profa. Silvana Nascimento. Essa associação é um centro de referência que oferecia, na época, serviço gratuito de orientação psicológica e jurídica ao público LGBTT e seus familiares e hoje se encontra temporariamente desativada devido a questões políticas e dificuldades de gestão financeira da associação. Nessa época a travesti Gel Laverna (sem acesso da idade, moradora do Alto do Mateus) era a

presidente dessa associação. Ao seu lado estava outra travesti Fernanda Bevenutty (50 anos), uma militante respeitada por muitas travestis pela sua luta contra a discriminação e homofobia. A mesma é técnica de enfermagem (funcionária pública de uma maternidade da capital), já participou e ainda participa de vários movimentos sociais em prol de defesa aos Direitos Humanos. Ela tentou por duas vezes engajar-se na política, a primeira para vereadora da cidade de João Pessoa e a segunda para Deputada Estadual, mas não conseguiu os votos necessários para ser eleita. Ao chegar à ASTRAPA, a presidente apresentou-se e nós nos apresentamos também, tivemos uma conversa informal fora da sala, onde ela descreveu como era o cotidiano do seu trabalho. Entre muitas conversas, trocamos o número do telefone, por várias vezes tentei marcar para que eu pudesse conhecer algumas travestis que se prostituem na cidade de João Pessoa. Ou seja, ter acesso ao mundo da prostituição “trans”, pois Gel nos falou que era chamada de “fada madrinha” por essas “meninas”, pois a mesma entregava preservativos e aconselhava-as em seus pontos de trabalho sobre a violência e DST(Doenças sexualmente transmissíveis)/AIDS. Por muitas vezes marcamos de irmos juntas, mas houve vários imprevistos e não consegui ter esse acesso.

Gel, ao falar que morava no Alto do Mateus, me fez lembrar uma travesti que morava lá também, a mesma conhecida por Kelly (40 anos de idade), uma bela morena de cabelos compridos que sempre caminhava com revistas de produto de beleza feminina. Com o passar do tempo consegui contato com a mesma. Antes de aproximarme dela, tive a oportunidade de escutar relatos de pessoas que estudaram com a mesma e que na época era ainda chamada por Carlinhos. Mas, segundo essas pessoas, ela sempre teve esse “jeito afeminado”. Desde a sua infância, adolescência e depois a fase adulta a sua transformação se deu aos poucos. Na escola já sofria de preconceito, mesmo assim não deixou de frequentar e concluir o ensino médio e fazer um curso profissionalizante de técnico em enfermagem. Ao entrar em contato com a mesma, falou que não gostava de ser chamada por Kelly e sim por Karlinha Houston. Mas não reclamava ao ser chamado dessa forma, pois era mais conhecida por Kelly. Ela não assume sua profissão, mas quando solicitada por algum vizinho do bairro onde mora, ela aplica injeções e verifica a pressão das pessoas. De início eu comprei lingerie da sua revista Demillus e trocamos conversas. Certo dia, a mesma mostrou-me suas fotos “de Carlinhos a Karlinha Houston”. Ela não permitiu que eu tirasse fotos dela, pois me falou que tinha muitas fotos bonitas no seu Orkut e que eu poderia acessar sua conta.

Os exemplos de algumas travestis que conheci que não usavam as redes sociais foram: a travesti Anna Stella (de 31 anos de idade), natural de Campina Grande, veio morar na casa de parentes no bairro Altiplano, há quase oito anos. O fato de querer assumir sua identidade travesti a fez morar com um amigo (homossexual) para ter mais “liberdade” com seus namorados e suas amigas. Ela não possui silicone no corpo, o seu cabelo tem um tamanho médio, unhas sempre pintadas e gosta de maquiar-se (à noite ou em casa). Ela atualmente trabalha como faxineira e vendedora de cosméticos, a mesma confirma que no passado foi uma profissional do sexo, mas agora não. A conheci por intermédio de um técnico de enfermagem que já morou com ela, em sua residência na Torre.

Com o passar dos períodos na universidade, precisei optar pela escolha entre as habilitações em antropologia visual ou social, respectivamente, a primeira foi a minha escolha. Quando comecei a pesquisa sobre a diversidade de gênero na cidade metropolitana de João Pessoa, decidi fazer um documentário para apresentar como parte do trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com o objetivo de retratar um pouco do cotidiano desses “indivíduos que subvertem a heteronormatividade”, com seus comportamentos estigmatizados pela sociedade.

A ideia de elaborar um documentário foi depois de ter assistido a alguns filmes sob a temática “travesti” como *O Rebelião* (2009) de Bertrand Lira, *A bombadeira* (2007) de Luís Carlos de Alencar, *Amanda e Monick* (2007) de André da Costa Pinto e *Homens* (2007) de Lúcia Caus e Bertrand Lira⁶, sendo estes, exemplos de imagens em movimento que tentam mostrar o cotidiano, preconceito, a aceitação na sociedade, a importância da beleza, vaidade e outros aspectos que envolvem o mundo “trans”. Em algum momento da pesquisa cheguei a elaborar um pré-roteiro, que não teve muito êxito pelo fato de ter-me interessado a fotografia.

Após ter algum conhecimento com as bibliografias da antropologia visual I e II, percebi que não conseguia “familiarizar-me” com a câmera. E também depois de ter lido alguns textos da antropologia visual Zanini (2008), PIMENTA (2008) e entre

⁶ *O Rebelião* – História de vida de um ex-travesti de infância pobre que se prostituía na cidade de João Pessoa e depois de um tempo se converteu em pastor evangélico. *A bombadeira* – É um documentário que mostra um pouco da realidade desconhecida de algumas travestis que procuram uma beleza corporal feminina, através de implantes clandestinos de silicone industrial. *Amanda e Monick* - Esse curta-metragem conta a história de duas travestis com realidades bem diferentes: uma é professora de história e a outra é profissional do sexo. *Homens*- Essa curta - metragem relata a vida árdua de preconceitos que sofrem alguns homossexuais do interior nordestino.

outros compreendi que para a habilitação em antropologia visual não seria necessário estar com “uma câmera na mão⁷”. Ou seja, eu poderia usar outra metodologia de pesquisa, que não seria necessário ser autora de um documentário ou de fotografias.

Além de “*olhar, ouvir e escrever*” a partir de entrevistas e conversas informais também foi de tamanha importância as observações nas fotografias (postadas por algumas travestis em sites de relacionamento) para se ter a ideia de como era representada suas vidas através dessas imagens. Pois desde o primeiro momento dessa pesquisa, percebi que do ponto de vista etnográfico as travestis utilizavam a fotografia como um elemento constitutivo de elaboração de suas identidades. Diante de tal fato, é comum observar que elas procuram exibir seus corpos fazendo várias poses, “*performances*” para que tanto no “mundo real quanto no virtual” recebam respectivos elogios. Embora cada travesti possa perceber como é o “seu próprio corpo”, a fotografia, para elas, pode ser considerada como uma ferramenta que faz com que as mesmas percebam como os “outro/a(s) as vêem”, no virtual, através dos comentários e no real através dos gestos, olhares ou comentários de aprovação ou reprovação.

Seguindo a argumentação de Erving Goffman em *A representação do eu na vida cotidiana*, o mundo em que vivemos é “um palco” e as pessoas que nele habitam são “os atores” que desempenham seus “papéis sociais”. Ou seja, as travestis ao utilizarem um nome social, roupas femininas e se comportarem com “jeito de mulher”, a partir destes detalhes, elas desejam representar “o sexo oposto” para os públicos dos ambientes “real e/ou virtual”. E ao concordar com o mesmo quando define representação como, “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por uma presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1985, p.29). Ou seja, ao se tratar da representação delas, na fotografia, a cada “clic”, as mesmas desempenham vários *papeis sociais*, como nas poses que desejam parecer desde uma “menina inocente” a

⁷ A metodologia utilizada por Zanini (2008) foi por meio de questionários para pessoas (alguns descendentes de imigrante) com o intuito de mostrar filmes que tratavam sobre questões raciais; PIMENTA (2008) foi o resultado de uma pesquisa feita a partir de avaliações de CD-ROM utilizados por agentes de saúde sobre a Dengue e doença de Chagas. Nessas pesquisas não foram utilizadas pelos seus coautores “uma câmera na mão”.

uma “mulher sensual”. Ainda para o mesmo autor, a *performance* dos papéis sociais tem procedência na maneira de como cada indivíduo concebe a sua imagem e a pretende manter.

Por conseguinte, “longe de ser um objeto neutro, a fotografia acolhe significados muitos diferentes, que interferem na codificação e nas possíveis decodificações da mensagem transmitida.” (FELDMAM-BIANCO, MOREIRA, 1998, p.40). Tanto nos textos expostos (em perfis, legendas de fotos ou em compartilhamentos) quanto nas imagens, às travestis tentam expor seus sentimentos, na maioria das vezes, traição por (ex- / atual) amigo/a(s) ou namorados.



Figura 11 - Na legenda dessa foto, onde a travesti com uma blusa decotada com a língua de fora e fazendo um gesto obsceno, está escrito: “*Achando ruim? Toma no c...*” Um insulto para uma pessoa anônima... E recebe como resposta o seguinte comentário: “*Ah... essa língua eu quero! Delícia*”. Acesso em junho de 2011:
<http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=15203471325149907137&aid=1233227870>

Percebe-se que a neutralidade nas imagens é quase impossível, principalmente para o *referente*, em muitos casos mesmo com textos acompanhados, nem sempre o *referencial* consegue passar o mesmo significado para todas as pessoas que observam.

CAPÍTULO 1

NO MUNDO REAL DAS “TRAVAS” DE JOÃO PESSOA: O “GLAMOUR” NA VOGUE

Em algumas idas para a boate Vogue-JP no período em que fui bolsista PIBIC pude observar que são muitas as travestis que lá se encontravam e grande parte do público GLS⁸ na cidade de João Pessoa. Essa boate está localizada no centro histórico da capital próximo ao casarão de azulejos (patrimônio histórico colonial) e em frente à

Praça do Palácio do bispo (antigo convento carmelita), a igreja Nossa Senhora do Carmo.



Figura 12- Próximo à frente da boate Vogue, Igreja Nossa Senhora do Carmo, Cleide Lima 2011.

⁸ GLS – Essa sigla significa Gays, Lésbicas e Simpatizantes. O uso desse termo é utilizado para os consumidores do mercado Gay (que podem ser homossexuais ou heterossexuais) e os “Simpatizantes” são os heterossexuais que convivem com os homossexuais sem preconceito.

Nessas proximidades durante o dia dificilmente encontra-se um travesti passando por essas ruas ao contrário da noite que “superlotam”.

Dentro ou fora há movimentação de algumas pesquisadas, que circulam por toda noite. Em certos momentos dessa pesquisa, ao utilizar a câmera, não houve problema com as “meninas”, pois se tem algo que as travestis gostam é ser fotografadas. O problema de fotografar era com as pessoas que lá frequentavam (as lésbicas, bissexuais, meninos que apenas se montavam a noite), pois muitos (as) não assumiam a orientação sexual para amigos e familiares. Mas o fato de ter cuidado ao fotografar dentro da Vogue também se deu para não constranger alguns “homens” que se montam, ou seja, apenas vestem-se de mulher à noite e durante o dia vestem-se de “homens”, temendo serem reconhecidos por alguém. Para certas travestis estes não são travestis e sim gays que se “montam” na noite. Depois de alguns desentendimentos por causa da câmera fotográfica, a boate Vogue proibiu a fotografia em sua área interna.

A mesma é aberta ao público e, principalmente nos finais de semana, passa a ser o ponto de encontro de várias travestis, onde exibem roupas decotadas, maquiagens e acessórios femininos.

Por ser um ambiente restrito, a aproximação com algumas pesquisadas se dava quando havia uma travesti conhecida no grupo. Mesmo assim para conquistá-las, mantive cautela ao pedir para fotografá-las ou conversar com as mesmas, com as amigas ou sozinhas, fazendo poses sensuais ou estilo “meninhas”.

Ao chegar à boate, muitas vezes às 21h00 não se encontrava nenhuma travesti, apenas algumas “bichas” e “lésbicas” que entravam ou ficavam do lado de fora da mesma. A banda só começava a tocar às 22h00, quando o movimento por fora da boate aumenta. Na frente da mesma, algumas travestis chegavam de carros particulares, táxis ou andando pelas ruas. Percebia-se que ao chegar de carro, elas eram notadas por quem já estava na frente, algumas em grupinho comentavam algo sobre as que chegavam, discretamente.

Na recepção da boate têm sofás, cadeiras e algumas revistas que ficam disponíveis para os clientes que frequentam, se quiserem “dar uma olhada”, geralmente revistas de moda e fofoca de famosos da TV. Ao pagar, passar pelos seguranças e entrar para dar acesso ao *Ambient dance*, o cliente passa por um espaço que parece uma passarela. Ao passar por ela, dá para ser notado/a pelos que já estão conversando, dançando nessa área interna da boate. Por isso, que na maioria das vezes as travestis que

querem “fechar⁹” e “arrasar¹⁰” com seus figurinos, além de serem “notadas” por todos, preferem chegar pouco mais das 23h30 da noite horário este que grande parte do público GLS já está dentro da boate.

Essa boate possui dois ambientes: um *American Bar dance* (com palco para apresentação das drags, gogó boys¹¹, transformistas¹² ou convidados especiais do público GLS) e o outro ambiente *American Bar music* (com um palco mais baixo e próximo ao público, onde há apresentação de bandas que geralmente tocam MPB (Música Popular Brasileira), forró elétrico e músicas internacionais). A performance na apresentação das Dragqueens¹³ baseia-se no conhecido “bate cabelo¹⁴” e por imitação de cantoras famosas no ritmo de música eletrônica. A maioria utiliza perucas coloridas, cílios postiços, paetês e muito brilho. Nessas apresentações, percebe-se que as travestis, olham fixamente aos detalhes das roupas, gestos e a performance no palco.

No ambiente *American Bar music*, as bandas começam a se apresentar por volta das 21h30. Antes de a banda começar a tocar, um telão ao lado exibe clipes de cantoras internacionais famosas, tais como: Beyonce, Britney Spears, Whitney Houston entre outras “divas¹⁵” do “mundo gay”, fazendo suas apresentações. E alguns desses que assistem, ao conversar com outro/as, ao mesmo tempo conseguem imitar gestos que viam, mexiam os lábios para imitar as cantoras (fator importante para uma performance, acompanhar a letra da música para “incorporar o personagem”), mas de uma forma discreta.

No *American Bar dance* a atenção está voltada para o palco e para os DJs que fazem muitas pessoas dançarem na “pista” ao som das músicas eletrônicas. Antes de começar os shows, muitas drags, travestis, gays exibem suas formas de dançar. Muitas vezes procuram misturar a sensualidade aos hits que escutam. E quando há um

⁹ Mostrar-se, abalar.

¹⁰ Chamar atenção de um jeito que todos notem.

¹¹ Dançarinos que trabalham para o entretenimento de algumas casas noturnas.

¹² Pessoa que veste roupas do sexo oposto com intenção comercial, podendo ser heterossexual ou homossexual.

¹³ Traduzindo para o português, rainha dragão, ou seja, (podem ser heterossexuais ou homossexuais) que representam a figura feminina de uma maneira irreverente, exagerada, com tons fortes na maquiagem sandálias e saltos altos.

¹⁴ É uma maneira de girar a cabeça para todos os lados, jogando fortemente os cabelos ou uma peruca colorida com tamanho grande. No show de performance das dragquees, o “bate cabelo” é o momento mais esperado que o público mais admira e que aplaude muito).

¹⁵ Diva é o mesmo que deusa, uma mulher notável que “brilha muito” com sua beleza feminina e que tem muitos admiradores.

momento para o “bate cabelo” abre-se um espaço na pista para admirarem ou criticarem tal situação.

Percebi que nessa boate as travestis preferem utilizar o banheiro feminino, sendo comum encontrá-las retocando suas maquiagens, ajustando as roupas ou cochichando com outras colegas. Mesmo sendo uma boate direcionada para esse público, há pessoas que reclamam, pois nesse banheiro também é utilizado pelas lésbicas. Algumas vezes, pude observar algumas reclamações entre elas, mas nada que não pudesse ser resolvido.

Em algumas idas de táxi para casa, tive a oportunidade de conversar com um taxista que tinha muitos clientes travestis e garotas de programas na cidade de João Pessoa. Ele informou que no final de semana é grande a demanda para levá-las aos motéis e pousadas com seus clientes. Em muitos casos, são homens casados que possuem carros e temem serem vistos entrando em certos lugares com seus respectivos automóveis, além de serem comprometidos e terem uma vida social (funcionários públicos ou exercerem cargos como médicos ou advogados entre outras profissões). Para algumas travestis isso é um fato que as fazem se sentir “melhores” que as mulheres. Em alguns pontos de prostituição as travestis estão ao lado das garotas de programa. Um exemplo nítido está no bairro de Manaíra, na orla da capital. Próximo à Praça do Açaí, estão concentradas prostitutas travestis e mulheres respectivamente, quase sempre as primeiras em baixo de palmeiras ou de costa para as ruas exibindo com sensualidade seus corpos e cabelos alisados. Os homens quando passam tem a oportunidade de escolha e em muitos casos eles preferem as travestis.

Já em frente a Vogue a prostituição é feita basicamente por travestis jovens e rapazes que circulam pelas esquinas próximas da boate.

Os shows performáticos começavam a partir da meia noite com apresentação de drag caricatas¹⁶ como Diet e Light e Magali Mel, mas com uma mudança na programação na boate e a agenda de shows das mesmas, estas não se apresentam, mas com tanta frequência aos domingos. Mas ainda há shows performáticos com outras drags, por exemplo: Aysha Scaranz, Layse Killary, Laleska Kaziraguy, Robytt Moon (estas são dragqueens diferente das caricatas, as mesmas procuram o “glamour”, a performance “perfeita” de cantoras famosas, além de baterem os cabelos.

¹⁶ A drag Caricata tem a preocupação, em apenas, “parecer engraçada” uma verdadeira mulher dragão.



Figura 13- “Biuzinha Priqui” é uma drag caricata que quando está atuando faz o estilo “mulher sensual que relaciona tudo ao sexo”. Acesso em maio de 2012:
<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=209466725822138&set=a.209465272488950.34181.100002764374573&type=3&theater>

Abaixo:
Figuras 14 e 15 Performance de Layse Kilarity.

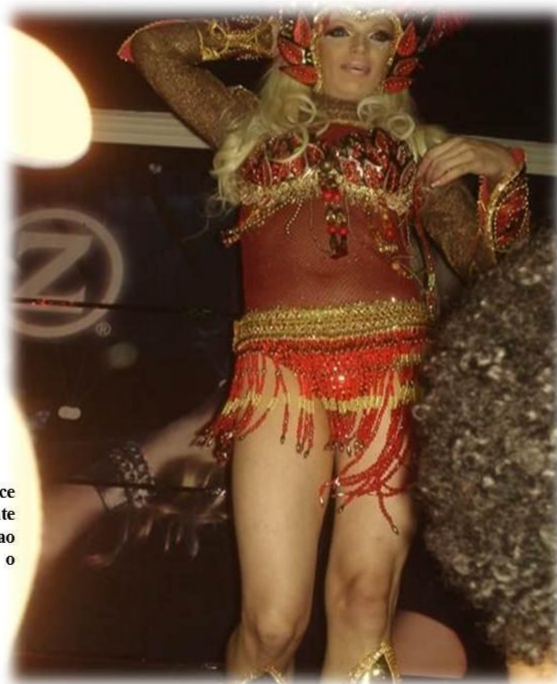


Figura 14 - Apresentação de performance da dragqueen Layse Killary, na boate Vogue, nesse momento ela pedia espaço ao público para descer do palco e iniciar o “bate cabelo”. Cleide Lima 2009.



Figura 15- Concurso Top Drag 2009, nessa performance Layse Killary começa o show com uma peruca loira e termina com uma peruca vermelha, truque usado por algumas drags para bater o cabelo e impressionar o público.(09 imagens uma ao lado da outra).Silvana Nascimento 2009.



Figura 16- Magali Mel na frente e Diet e Light atrás apresentação de um show na Vogue João Pessoa, Cleide Lima 2009.



Figura 17- Magali Mel, Diet e Light no álbum da Vogue. Acesso em maio de 2012: http://www.fotolog.com.br/magallymell/82403496/#profile_start



Figura 18- Magali Mel em um convite da Vogue. Acesso em junho de 2012:
<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=134830579928715&set=a.119462644798842.22762.100002053224083&type=3&theater>



Figura 19- Apresentação de performance da drag caricata Diet na Vogue em 2010.
Cleide Lima 2010.

Em uma oficina de *Performance e Maquiagem Drag*, o responsável pela oficina explicou para os participantes de como “se maquia uma dragqueen, Top drag e uma Drag Caricata. Para o mesmo há algum tempo atrás as dragqueens faziam shows de performance “verdadeiros” ou seja dublavam as cantoras nacionais e internacionais e não se preocupavam em “aquendar a neca¹⁷”.Ao compararmos as drags Isabelita dos Patins, Magali Mel e Thuani Haila percebemos que tanto na maquiagem quanto ao show performático há uma grande distinção.



Figura 20- Isabelita dos Patins uma das mais antigas Dragqueen do Brasil apesar de nacionalidade argentina é um grande “referencial” para muitas drags brasileiras. Acesso em março de 2012: <http://hipersessao.blogspot.com.br/2011/06/o-infarto-de-isabelita-dos-patins.html>



Figura 21-Thuany Haila, Top Drag, usa uma maquiagem simples (parece travesti), preocupa-se em “aquendar a neca”, mas não se considera travesti. A noite se monta, já fez shows performáticos e durante o dia usa roupa masculina. Mas no facebook é “feminina”. Acesso em julho de 2012: <http://www.facebook.com/photo>.

¹⁷ Neca vem do bajubá (linguagem de origem africana praticada no universo gay) que significa pênis. “Aquendar a neca” é o mesmo que esconder, fazer truque para não mostrar o pênis.



Figura 22- Drag Caricata Magali Mel nos seus shows ela busca risos da plateia devido aos seus comentários, piadas e brincadeiras com outras drags, travestis, homens, gays e mulheres. Na sua maquiagem percebe-se a forma de brincar com a boca (uso do batom exagerado e contornos extravagantes), Cleide Lima 2009.

Em alguns casos pode-se confundir um travesti com uma Top Drag quando “montados”. Pois ambos procuram “aquendar a neca” e em suas maquiagens não há tanto exagero ao compararmos, por exemplo, com as drags caricatas. No caso das “Tops” e travestis ambas buscam “perfeição feminina”, tentam ser parecidas com mulheres “bonitas e sensuais”, há nesses casos uma “codificação instrumental do corpo (FOUCAULT, 2004,p.130), onde os elementos do (corpo e objeto) que utilizam se assemelham em busca de uma mesma finalidade. É comum também à noite em frente a Vogue, shows, páginas na internet “homens que se montam”, mas que não se identificam como travestis.

Interessante notar que heterossexuais, talvez não da mesma forma, também sofram preconceitos nessa boate GLS. Em alguns casos, os mesmos tentam se restringir (não conversar ou dançar) com “os penetras/heteros” para assegurar a identidade do grupo. Indiferença que consiste no “problema da atribuição categorial, pela qual os atores identificam-se e são identificados pelos outros”. (POUTINAG STREIFF – FENART, 1998, p.141). E para que essa noção de grupo tenha sentido, “é preciso que os atores possam se dar conta das fronteiras que marcam o sistema social ao qual acham que pertencem para além dos quais eles identificam outros atores implicados em outro

sistema social” (Ibidem: 153). Ou ainda esse estranhamento com a minoria heterossexual dentro da dessa boate “implica a afirmação do nós diante dos outros” (OLIVEIRA,1976,p.6) já que o homossexual sente-se ameaçado pelo heterossexual, pois este faz parte de uma sociedade muitas vezes opressora e hegemônica. Devido a algumas distinções em relação aos heterossexuais, o preconceito passa a ser o inverso que ocorre fora da boate (na sociedade). Segundo as teorias de Barth (1988), isso ocorre por conta da manutenção da fronteira étnica que faz alguns homossexuais na boate diferenciar dos heterossexuais, resultando na autenticidade do seu grupo ao serem nós e eles (os outros/ estranhos). Algumas vezes dentro da boate cheguei a ser paquerada, mas por não corresponder e perceberem de se tratar de uma “heterossexual” muitos não deviam credibilidade e para estar ali, deveria ser uma jornalista “curiosa” com a intenção de publicar fotos desse local “exótico” e assim “demonstrar a verdadeira identidade de alguns que lá frequentavam”.

1.1 Dos lugares aos não lugares da sociabilidade travesti

No senso comum, ao pensar as travestis, imagina-se que são pessoas que fazem programas, pois são, “homossexuais que se vestem como mulheres para sobreviver, e à noite precisam fazer programas”. Essa é a ideia que tem o senso comum de conectar homossexual à prostituição.

Tanto heterossexuais quanto homossexuais, nesse caso, os transexuais, podem fazer programas, não sendo correto “generalizar” como faz o “senso comum”. Pois, em alguns locais da cidade de João Pessoa, durante a noite alguns grupos de travestis exibem seus corpos, cabelos, saltos e charmes para quem, por exemplo, transita, seja de carro, seja caminhando pela orla marítima (praia de Tambaú), nas esquinas da Avenida Epitácio Pessoa ou no parque Sólon de Lucena (Lagoa) centro da capital. Desses locais, o primeiro citado está próximo a hotéis e é um local que possui um grande fluxo de turistas brasileiros e até estrangeiros. Durante o dia percebe-se que é pequeno o número de travestis que transitam pela cidade de João Pessoa, os que durante o dia se auto identificam como tal, enfrentam em alguns casos críticas ou piadas homofóbicas. Segundo Celinha “não me visto de mulher de dia porque eu tenho meu emprego, mas, à noite eu me transformo, eu sou travesti em casa uso sainhas, calcinhas, (risadas)...” Para muitas pessoas (até mesmo travestis) essas que se vestem 24 horas por dia de “menina”, ao contrário de Celinha são travestis.

Mas a situação socioeconômica impossibilita-as de se “travestir” como

desejam. E as que pouco saem nas ruas travestidas carregam o estigma de “prostitutas” /DST/AIDS.

Mas não são esses pontos de prostituição e nem o tema da prostituição que serão explorados nesse trabalho de conclusão de curso. Mesmo assim é impossível não tocar nesse assunto, pois, uma grande parte de homossexuais que se afirmam “travestis” já tiveram que passar pela prostituição para sobreviver. Isso quando não conseguem o apoio da família e são expostas a viver fora do seu ambiente familiar. Em alguns casos acontece quando ainda é jovem, sem uma formação escolar, a prostituição passa a ser algo “fácil” para se manter. Para conseguir um emprego seja no comércio ou na indústria passa a ser pessoa de difícil aceitação. Pois, na nossa sociedade, o que prevalece é o modelo heterossexual o natural/normal/certo, mesmo que há homossexuais trabalhando, em certos ambientes podem ser aceitos, mesmo assim correm o risco de serem discriminados. Isso vestido com roupas masculinas e quase inaceitáveis “homem vestido de mulher” ou “mulher vestida de homem”.

Apesar da violência, para ser “uma travesti prostituta” não se pede escolaridade e é aceita com “roupas de mulher”. E quanto mais feminina se torna, a sua identidade é aceita sem muita dificuldade.

Já algumas travestis que tentam fugir da prostituição, a saída é trabalhar como empregadas domésticas, cabeleireiras, revendedoras de revistas Avon, Natura e Demillus¹, mas há também travestis que com muita dificuldade conseguem estudar na universidade. Uma profissão procurada por muitas travestis e homossexuais é o curso de técnico de enfermagem. Profissão essa exercida por Fernanda Bevenutty, uma travesti que já foi candidata à vereadora e deputada no estado da Paraíba. Uma das pesquisadas Karlinha, também é formada nesse curso e com a ajuda de conhecidos na área de saúde estagiou em um hospital da capital de João Pessoa, assim como ela e Fernanda Bevenutty, usam roupas femininas e têm cabelos compridos.

A forma como essas “meninas” se sociabilizam pode ser em território físico urbano da cidade de João Pessoa ou até mesmo no território virtual. Sendo este último, utilizado para entretenimento, amizades ou mesmo programas online. Nas palavras de Maffesoli “o indivíduo não pode viver isolado, mas ele está ligado pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda.” (MAFFESOLI, 2006, p.140). E são esses lugares virtuais que as mesmas conhecem outras travestis, dragquens, homossexuais, lésbicas,

transgêneros e T-lovers¹⁸. Nesse mundo “on line” ou “real”, nas palavras de Barth: “os atores identificam-se e são identificados pelos outros” (BARTH, 1998, p.140).

Sendo comum, seus membros fazerem parte do circuito GLS e compartilharem de pensamentos, comunidades que em alguns casos torna-se comum a todos integrante.

Fora da boate ou do mundo virtual, as travestis em João Pessoa têm a oportunidade de se divertirem, o exemplo é quando tem festas no centro histórico da capital, ou seja, no Ponto de Cem Réis. Neste local acontecem variados shows de artistas, o qual atrai muitas pessoas. Pode-se observar que nesses shows algumas travestis jovens encontram-se juntas com seus/suas colegas conversando ou abraçadas com namorados. E mesmo assim não se intimidam aos olhares de reprovação ou de não percebidas em meio ao público.

Inspirando-se em Simmel (1987), o ato de algumas pessoas (nesse caso) “aceitarem” a presença dessas travestis nesses shows “voltados para o público heterossexual” poderia ser pensado como uma atitude blasé, ou seja, uma forma de comportamento que ocorre nas grandes cidades de relacionamentos frios e sem afetividade. Pois se sabe que uma grande parte do público nessa praça se auto identifica como heterossexual. Para Gluckmam, isso corresponde a uma “única comunidade”. Na sua pesquisa na Zululândia, zulus e europeus eram povos separados pela segregação racial, mas ambos na inauguração de uma ponte formaram “uma única comunidade com modos específicos de comportamentos”. (GLUCKMAM, 1987, p.238). Estejam na inauguração da ponte na Zululândia ou na Praça de Cem Réis, as pessoas, por mais que se achem “diferentes” ora por questão racial ora sexual, complementam-se e em pouco momento a discriminação é estacionada em busca de interesses comuns.

No mundo virtual, o entretenimento pode ser usado para descontrair, conhecer os objetos, roupas, maquiagens, acessórios que estão na “na moda”, sendo usados tanto por “travas” quanto por mulheres que servem de figuras “para se copiar”. São os corpos, maquiagens, roupas, cabelos, rostos, performance de algumas “divas”, seja da música brasileira seja internacional. Algumas travestis também conhecem seus direitos através de movimentos sociais sobre as diversidades sexuais e de gênero e de encontros como seminários, congressos dentro do estado da Paraíba ou em outras cidades do Brasil, e assim ficam informadas sobre a política LGBTTTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais e Transgêneros). São em alguns sites como Orkut,

¹⁸ De acordo com Larissa Pelúcio (2005) são homens que gostam de fazer sexo com travestis no mundo virtual.

Facebook, Blogger e Badoo que são expostos pensamentos, fotos, depoimentos, elogios e até críticas. Nesses espaços virtuais muitas delas passam boa parte do tempo. Pois, “as origens do grupo são, muitas vezes, diversas, mas é a identidade do lugar que o funda, congrega e une.” (AUGÉ, 1994, p.45). É através dos comentários das fotos e dos recados que elas vão aprendendo com as outras, seja criticando seja elogiando que passam a ter certa necessidade de “estar em dia” com a moda ou com os fatos que ocorrem durante suas “saídas”. O jeito “perua” também é uma das características importantes que se pode perceber no mundo trans. A vontade de parecer bonita, sensual e antipática é observável nos comentários das fotos nos sites. Parece que o jeito “esnobe” e “nojento” de ser é umas das características que faz parte de suas identidades.

Essa representação “torna-as superiores” as demais, não é o fato de ter muito dinheiro, mas aparentar possuir “a cara da riqueza” dando “foras”. Em uma das conversas com uma travesti que não quer ser identificada porque a família dela ainda não sabe da sua transformação na noite, diz: “É mesmo as bichas dão muito fora umas nas outras, eu também dou fora nas pessoas, só que às vezes é sério. E sei lá faz parte da moda hoje em dia dar fora no povo num é pra humilhar é se sentir por cima é só brincadeira (risos)”.

Para essa pesquisada “dar um fora” está na moda entre elas, é o mesmo que se sentir “superior” e pode representar a “inteligência” por deixar uma pessoa “deslocada”, “sem chão”. E também saber sobre as “grifes” é algo que faz a diferença.

Essas são algumas das “alfinetadas” que às vezes aparecem nos seus comentários que conectam beleza ao luxo. Algumas “grifes” como: Dolce & Gabbana, Dior, Calvin Klein, Carolina Herrera, Hugo Boss, Adidas, Gucci, Givenchy, Victoria’s Secrets entre outras. Grande parte é estrangeira, pois o fato de vir do exterior proporciona essa “superioridade” de status e inveja para outras.

Em uma entrevista com Ackla Beatriz foi possível perceber que algumas travestis não brigam por namorados, mas, por beleza.

Eu: *E a relação Travesti x Travesti, disputam por namorados?*

Ackla: *A briga das travestis não é por namorado fique ciente disso... É por beleza onde nasce toda inveja, entendeu?*

Quando estão parecendo uma “mulher bem afeminada” e outras querem parecer também, daí surge às alfinetadas, ironias e até discussões. Nesse caso, não só no mundo real, mas no virtual isso também é bastante comum. Em algumas situações quando são elogiadas por estarem muito bem, outras em comentários nas fotos postadas, lembram

que são “homens travestidos de mulheres”, podendo ser “cópias femininas”, mas não mulheres. Nas palavras de Kulick (2008), “individualmente as travestis possam considerar-se atraentes e femininas, as outras estão ali para lembrar que elas não são nada disso - mas na realidade, “um negão”, “uma bicha”, enfim, uns “viadinhos” (KULICK, 2008, p.219).

CAPÍTULO 2.

A SOCIABILIDADE “TRANS” NAS REDES SOCIAIS

Essa pesquisa iniciou-se sem intenção de percorrer as redes sociais. Mas, hoje, com o advento da tecnologia e das mídias digitais esse foi o ponto inicial de poder “estar perto” de várias travestis que costumam exhibir suas vidas, seja com palavras, fotografias e vídeos. Sabe-se que o “mundo trans” é repleto de estigmas e que através desses sites muitas travestis passam seus tempos postando fotos e auto aceitando como tal. Em alguns casos, torna-se uma autoestima, postar fotos, usar seus nomes “sociais”, fazer montagens com suas fotos, acrescentando paisagens ou até mesmo parecer “ser capa de revista”. Figuras 23 e 24:



Figuras 23 e 24 da esquerda para a direita, respectivamente, Natália Guimarães Miss Brasil 2007 capa da revista VIP, acessado em maio de 2012: <http://www.worlddiverse.com/2008/11/fotos-da-natalia-guimaraes-na-vip.html>. E na foto 25 Alycia Scaranz (dragqueen) é a capa da revista de moda feminina mais “famosa” do mundo a “Vogue” e uma moça está observando a revista. Acessado em maio de 2012: <http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=3988839200507965900&aid=1274699076>

A fotografia por ser considerada “a representação do real” nesse exemplo dá a impressão de que a dragqueen é uma “artista famosa” por ser capa de revista. Desde sua origem, “uma das grandes forças da fotografia tem sido a crença na sua veracidade”. (VESTAL, 1998, p.79). Contudo isso passa a ser uma forma de brincar ao manipular a imagem e mudar o “status social”.

Nesses sites, elas conhecem travestis e outras classificações que há no “mundo gay”.

Segundo Goffman (1980) são nesses lugares que as mesmas por serem estigmatizadas não precisam guardar um tipo de comportamento que a sociedade “composta por pessoas que se consideram normal” julga como defeito, a orientação sexual. Sendo assim, no mundo virtual, “elas podem expor e perceber que não precisam esconder seu estigma e nem se preocupar com tentativas feitas cooperativamente para não prestar atenção a ele”. (GOFFMAN, 1980, p.93). Pode-se entender que tanto no “virtual” (esses sites que elas frequentam) quanto em alguns locais no “real” (Vogue, festas no centro histórico, carnaval e alguns shows), buscam a liberdade de exhibir-se e serem notadas ou aceitas, mesmo que em alguns casos recebam comentários provocativos, no sentido de “lembrá-las” que não são “mulheres”, e que apenas estão representando “uma”. Comentários estes, que podem surgir de suas colegas interpretadas como inveja, ou apenas uma brincadeira. Dificilmente um heterossexual (homofóbico) entra em uma rede social para falar com respeito, através de xingamentos e palavrões. Se por acaso isso ocorre, simplesmente é bloqueado ou denunciado por comportamento inadequado. E assim não pode perturbar e esse perfil de pessoas evita adicionarem esse tipo de público. Muitos sem nem ser considerados “homofóbicos” recusam participar como “amigos, membros ou associados” de pessoas que pertencem ao mundo “gay” no virtual.

Então, sejam quais forem os sites de relacionamento, que algumas travestis utilizam podem ser considerado como uma forma de entretenimento que busca mantê-las informadas, pela moda, política LGBTTTs, as saídas de suas colegas na “night” ou até mesmo para saber das “fofocas”, esse é um meio que junto da fotografia, as mesmas transmitem através de suas poses para as pessoas que as “visitam”, sentimentos de alegria, desprezo, inveja, tristeza, cansaço e entre outros significados que são “deduzidos” pelos comentários ou legendas que as outras deixam em suas páginas virtuais.

2.1 A fotografia como construção da identidade travesti

A identidade travesti pode ser explicada através de suas fotografias: comumente utilizam “adornos femininos”, fazem “poses”, o que BARTHES (1984) denomina de

*Biografema*¹⁹, ou seja, símbolos que auxiliam o receptor interpretar aquela realidade. Durante a pesquisa, pude observar que as fotografias contribuem significativamente para a construção da identidade travesti e do reforço dos atributos femininos que a definem como “mulheres sociais” ou “parecidas com mulheres”.

Na antropologia, a fotografia tem sido analisada desde o início de fundação da disciplina, primeiramente com o trabalho do antropólogo Bronislaw Malinowski que mesmo “sem ter a intenção”, pôs em prática o uso das imagens na pesquisa de campo. Mesmo que com destaque atribuído ao texto, as imagens mostravam registros que fortaleciam a sua argumentação.

Nesse sentido, no trabalho de Malinowski, ele não percebeu que tanto a imagem quanto o texto por muitas vezes não bastam “por si só” e que estão “acoplados, inter-relacionados constantemente” (SAMAIN, 1995, p.27) e que ainda há indiscutivelmente uma “dependência e complementariedade” (BARBOSA, 2006, p.32) entre ambos. A imagem transmite subjetividades que para prender a um raciocínio precisa de palavras. Essa relação, sobretudo entre texto e imagem é vivenciada entre a antropologia visual e a antropologia escrita, respectivamente, nas palavras de MACDOUGALL (2005) a última “é tão envolvida com palavras quanto com imagens” (Ibidem, p.25). Pois ao levarmos em consideração o campo utilizado nesse trabalho de conclusão de curso, e o ponto de vista das pesquisadas, percebemos que as imagens predominam, mas não deixam de lado as palavras, pois as poses que as travestis fazem muitas vezes trazem um sentido para elas quando são demonstradas através de palavras (comentários) ou curtidas (forma de resposta de que percebeu o que foi postado).

Sem querer fazer uma pequena cronologia sobre os “primórdios” da antropologia visual, não poderíamos deixar de mencionar, além de Malinowski, os trabalhos de Margaret Mead e Gregory Bateson em *Balinese Character: A Photographic Analysis*, publicado em 1942, onde utilizou a imagem estática e em movimento com “à crença na objetividade do registro fotográfico e fílmico como suporte para preservação de registros das expressões visuais de padrões culturais que estariam fadados à extinção” (BARBOSA, 2006, p.30). Além dessa intenção de “conservar” a cultura em registros fotográficos e filmicos, ambos acreditavam que a fotografia ajudaria na forma de compreender melhor o texto escrito.

¹⁹ Tem o mesmo sentido de biografia de um autor num texto, nesse caso, a biografema é utilizada para a descrição das imagens na fotografia.

Do ponto de vista desta pesquisa, para pensar a construção da identidade travesti por meio da fotografia, podemos perceber que a travesti tem a intenção de tentar copiar, ou seja, assemelhar-se a uma figura feminina com muita “perfeição” seja no uso de símbolos no corpo (acessórios, maquiagem, silicone, hormônios) ou na forma de gesticular para se expressar. Segundo Nascimento (2012) a partir de Taussig (1993), a “faculdade mimética mostra uma compulsão humana de tornar-se e de comportar-se como alguma coisa, ou seja, de tornar-se o Outro” (NASCIMENTO, 2012, p.74). É dessa maneira que a identidade travesti é construída por meio da imitação, não de qualquer coisa, mas, da imitação “perfeita” de uma “mulher” sensual e atraente. Pois, a fotografia possui um “realismo indiscutível”, “não pode mentir” COLLIER (1973) é o “espelho do real” (DUBOIS, 1994, p.26) e a partir dessas imagens estáticas as travestis tentam convencer os olhos de quem está observando ou até mesmo os delas de que tal representação remete a “uma mulher de verdade”. É procurar parecer real tal encenação do “estar produzida”, “ser a cara da riqueza”, “ter sensualidade feminina” que as travestis procuram transparecer nessas imagens. São “corpos submetidos a uma norma” (CERTEAU, 1990, p.240) que estão inseridos no universo feminino. É um jogo do “parece, mas não é” que as travestis convivem, pois, “não são mulheres” nem tampouco em termos culturais são homens (KULICK, 1998). E com a fotografia elas demonstram o que querem ser. E nesse jogo de “representações” pode-se dizer que há uma analogia entre a fotografia e a travesti, respectivamente, a primeira “*não é aquilo que se vê*”, mas, “*a representação de tal coisa capturada pela câmera*”, desse modo, a travesti também “*não é aquilo que se vê*”, mas apenas “*a representação do que se quer ser e do que se vê: uma mulher*”. Sendo assim, podemos considerar que o gênero das travestis foge do convencional, pois “há um deslocamento entre corpo e sexualidade, entre corpo e subjetividade, entre corpo e as performances de gênero” (BENTO, 2006, p.77).

Nessa perspectiva do gênero, a travesti encontra-se “deslocada” por não pertencer a nenhum dos sexos biológicos que a sociedade ostenta como legítimos (feminino e masculino). Ou seja, o biológico para o senso comum é o que deve prevalecer nas travestis. E partindo desse pressuposto há uma não aceitação a essa forma de viver subvertendo a norma. Pois, “elas não são homens de verdade”, são “viados”, “monas”. Tampouco são mulheres, nem o desejam ser. São “outra coisa”, uma “coisa” difícil de explicar, porque, tendo nascido “homens”, desejam se parecer com mulheres, sem de fato ser uma”(MISKOLCI & PELÚCIO,2007,p.261). Joan Scott (1990) dá ênfase a questão de que “gênero” estava ligado ao longo da história sob a

perspectiva da dualidade “homem *versus* mulher” sem ir muito além desse contexto. Sendo assim, essa “dualidade de gêneros” não há como encaixar as travestis, por conviverem “biologicamente e sexualmente” para o senso comum “em cima do muro”, estereotipadas como “anormais”. O gênero faz parte da sua “encenação”, da sua “representação perfeita” de uma mulher.

Segundo Larissa Pelúcio (2005) e Benedetti (2000) travesti seria uma pessoa que nasce com o sexo masculino, utiliza no corpo símbolos femininos e se relaciona com homens e não pensa em fazer cirurgia para extrair a sua genitália. E que possui “um corpo feminino, que tem por sua vez, qualidades e atributos diferentes do corpo da mulher” (BENEDETTI, 2000, p.3). Ainda, “entre as travestis é no corpo que se constroem as dinâmicas e características culturais do grupo” (Ibidem, 2000, p.7).

E o que distingue travesti de transexual para Berenice Bento (2006) é o fato das travestis não rejeitarem as suas genitálias ao contrário das transexuais que se submetem a realização de cirurgia de transgenitalização para obter uma feminilidade/masculinidade.

O ato de “acuendar a neça” na intenção de “fazer a buceta” é algo que faz parte de suas vidas não porque queiram se “livrar” desse órgão, muito pelo contrário, o mesmo não é um obstáculo em seus relacionamentos com namorados ou clientes. Segundo as protagonistas de Kulick (2008) ao afirmarem em uma entrevista a importância do seu órgão genital: “todo travesti tem que ter o direito dele, o pênis”. Sem o pênis ninguém “goza” ou ainda “sem o pênis seria como um mero buraco numa bananeira, e algum homem só botando e tirando” (KULICK, 2008, p.101 -102). Ou seja, perpassa-se a ideia de que esse órgão faz parte das suas identidades e que dependem do mesmo, para suas relações amorosas com namorados e/ou clientes. É o “sentir-se mulher, mas uma mulher de pênis”. Nesse contexto: “o feminino travesti não é o feminino das mulheres. É um feminino que não abdica as características masculinas, porque se constitui em um constante fluir entre estes polos” (BENEDETTI, 2000, p.15).

2.2 “Gloss, glamour, purpurina”, a sociabilidade trans no Orkut

As minhas “visitadas” nos Orkuts começaram no momento em que consegui me aproximar da primeira travesti fotografada e entrevistada no início do ano de 2009. A partir dela foram observados alguns orkuts de travestis, dragqueens e T-lovers. Geralmente esses últimos são encontrados na internet, marcando encontros ou admirando fotos dos álbuns das travestis. Basta apenas adicionar alguma travesti

comentar uma de suas fotos postadas e elas visitam seu Orkut e comentam as suas fotos também. A aproximação pela internet é algo mais fácil, é a partir desse contato virtual que podemos saber de alguns eventos que as mesmas participarão como o Top Drag, Miss Paraíba Gay e outras festas voltadas para o público GLS.

É comentando algumas fotos que se pode trocar algumas palavras com certos t-lovers pelo MSN. Muitos deles pensam que a pessoa pode ser um travesti, pois tem algumas que por foto são muito parecidas com mulheres. Até porque ao escreverem nos seus perfis, usam o nome social de mulher e declaram ser do sexo feminino. As mesmas sempre estão bem maquiadas e vestidas com roupas sensuais femininas. Os comentários das suas fotos (alguns até pornográficos) e a preocupação de estar bonita/atraente “nas poses”, as “alfinetadas”, os “foras”, entende-se a importância da fotografia para identidade travesti, como a sua imagem transforma-se em seu “cartão postal”. Essas travestis são “meninas” que tanto no mundo real quanto no virtual estão à margem da sociedade brasileira por terem, segundo Kulick (1998), aparência/comportamento de mulheres e por se relacionarem com homens. Nesse caso, a fotografia é algo que representa um papel importante na formação de suas identidades e com esse “stop” numa pose, com “caras e bocas”, faz do mundo virtual uma necessidade para expor suas imagens. Em alguns casos, elas conseguem fazer amigos e até se envolverem em relações amorosas.

Nesses sites são postadas várias fotos, pode-se entrar em suas páginas de recados, depoimentos e suas comunidades. Sobre determinados assuntos, como fazer programa, algumas não comentam, mas pelos seus recados deixados em suas páginas pode-se deduzir que marcam encontros amorosos e fazem programas.

As travestis que ainda estão começando a maquiarse e, a andar pelas festas já montadas são as que com muita curiosidade visitam páginas de amigas ou travestis mais experientes para observar poses, adicionar comunidades e se conectar com paqueras.

Em qualquer evento, depois da noite de “glamour e beleza”, as que levaram câmeras digitais ou fora fotografadas, postam suas fotos em sites para serem comentadas por amigas (os). Pois a fotografia é praticada pelas travestis como um “*rito social*” SONTAG (2000), pelo fato das mesmas registrarem os seus momentos de lazer e ou do seu cotidiano. Ou seja, “produzidas” maquiadas e fazendo poses. Nesse espaço virtual, além das travestis postarem fotos, criam narrativas pessoais em que demonstram seus gostos e ideias. Além de conhecerem pessoas de diferentes lugares, expõem também vídeos com imagens de amigos, pessoas queridas e em muitos casos artistas

famosos.

Por meio do relato pessoal, as travestis se identificam pelo preconceito sofrido e pela vontade de conquistar um espaço dentro da sociedade.

“Quem sou eu?
 a menina que te encanta
 a moleca que te fascina..
 e a mulher que te enlouquece
 Αρεηαα uma criσηα que αηδα de salto alto
 E uma mulher que brηγα de boηeka.
 menina que tem varias formas de ser,
 e que com com certeza alguma vai agradar você :D
 _♥_σου α μενινα que μεσμσ Βσβιηηα. . . sabe o q quer
 _♥_σου α μενινα que μεσμσ santιηηα. . . sabe onde quer chegar!!!
 JEITO DE MENINA FRÁGIL E INOCENTE. . . CUIDADO!!!! <<>>
 →•o muido? além de pequeno,dá voltas !!!
 →•Gosta de mim? ah é ? προβα ειτão!!
 →•amores ? são coisas da vida!! →•solteira ? de solidão!! →•Casada? com a
 liberdade!! →•Namorando? minha vida!!
 →•pra te agradar? não vou mudar!!
 →•Minha educação? depende da sua !!
 →•sobre mim ? pense o que quiser ! *
 * Um brinde a todos que me conquistaram, aos idiotas que me perderam,
 E aos sortudos que ainda irão me conhecer !!!”
 Acesso em maio de 2010:
<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=6707444842198796911>

Na maioria dos perfis postados, elas demonstram serem pessoas que batalham na vida, estão ou tentam superar preconceitos. Em uma frase no álbum de fotos de outra travesti, diz assim: “*Sonhar faz parte, realizar é atitude*”. Figuras: 25,26 e 27.



Figura 25- do Orkut de Ackla, em abril de 2011.
<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=5322760651320932688>





Em ambas as figuras (26 e 27) expostas no Orkut, demonstram uma diferença de comportamento, onde na primeira está de costas com um fio dental e exhibe o corpo todo, já na segunda, ela faz “close no rosto” e mostra apenas o rosto maquiado. Acesso em maio de 2012. <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=5322760651320932688>

São frases como essas que remetem a ideia de que já pretendem transformar seus corpos, que implicam em conceber uma nova identidade, neste caso, de “travesti” bonita e sensual.

Postagem de fotos como essas são comentadas por vários amigos/amigas que estão adicionados ou não. Aliás, nem todas bloqueiam seus álbuns de fotos para que só os seus amigos possam comentá-las. Essa é uma maneira de ser visitada por outras pessoas fora da sua rede de amigos do orkut. São vários os comentários deixados em suas fotos, na maioria das vezes de acordo com a posição que fazem nas fotos e roupas que estão vestidas como “luxooo”, “uma deusa”, “belíssima”, “face power” entre outras palavras e frases que as deixam “para cima”. Percebe-se que esses comentários melhoram a autoestima travesti. Já nas fotos com “poses provocantes”, na legenda da foto abaixo: “Adoro fio dental para ficar com uma marquinha deliciosa”



Figura 28 - Karlinha trans com os joelhos no chão de costa para exibir seu fio dental, além de receber vários comentários por causa dessa pose. Acesso em maio de 2010. <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=6707444842198796911>

Em alguns perfis do Orkut é necessário confirmar se quer continuar, pois os mesmos informam:

A página que você quer acessar talvez tenha conteúdo impróprio para alguns usuários. Se quiser visualizar o perfil de Karla Trans mesmo assim, clique em Continuar, abaixo:

Ou seja, nesses perfis podem conter fotos e comentários pornográficos, que também as deixam convencidas pela beleza. “*Vou comer vc todinha*”, “*quero essa b...*”, “*Deixa eu passar creminho para assadura na sua bundinha...*” os autores desses comentários muitas vezes veem dos T-lovers, nas fotos em que as travestis fazem poses sensuais com roupas íntimas ou de banho na praia ou piscina. Fotos como essas são atrativas para futuros namorados, clientes e/ou programas. Figuras: 29, 30, 31e 32.



Figura 29 - Karlinha em pé maquiada, cabelo molhado solto usando (espartilho, cinta-liga preta) roupa íntima feminina. Acessado em dezembro de 2010
<http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=6707444842198796911&aid=1>



Figura 30- Karlinha, sentada com a mão na "bunda", olhando de lado. Acessado em dezembro 2010
<http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=6707444842198796911&aid=1>



Figura 31- Nessa foto, a travesti sai do ambiente que estava e vai para uma cama, onde posa para uma foto de frente e põe a mão em cima do seu órgão genital. Acessado em dezembro de 2010
<http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=6707444842198796911&aid=1>



Figura 32- Na posição "de quatro", ela exhibe mais uma vez o seu fio dental, agora, resultando numa foto mais "apimentada" de comentários respectivamente também. Acesso em dezembro de 2010. <http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=6707444842198796911&aid=1>

Sendo assim, esses T-lovers entram em seu Orkut, olham suas fotos e deixam um recado com o endereço do MSN. Depois de adicionados, conversam e por fim marcam um encontro/programa. Mas há T-lovers também que têm o interesse de namorar.

Os comentários das suas fotos (alguns até pornográficos), a preocupação de estar bonita/atraente “nas poses”, as “alfinetadas”, os “foras”, despertou a minha atenção. Pois, foi a partir desses comentários que se entende a importância da fotografia para identidade travesti, como a sua imagem transforma-se em seu “cartão postal”.

2.3 Travas on line no badoo: um mundo para se socializar e se conectar

O Badoo é um site não muito diferente do Orkut e do Facebook, nele são expostas fotos, comentários enviam-se e recebem-se mensagens. O que distingue dos demais é o fato dele estar mais ligado a encontros e relacionamentos. Ou seja, ele possui um link que se chama Encontros, onde o participante pode ver fotos de outras pessoas e clica “sim ou não” para marcar uma conversa ou encontro. E caso alguém esteja interessado na pessoa que lhe marcou, podem surgir conversas e se quiserem se conhecer pessoalmente depois. Esse site é uma “ponte” para conversar no MSN, geralmente os membros trocam seus e-mails/MSN para se comunicarem melhor.

Nesse site, o membro que visita e é visitado por outro membro, recebe uma mensagem em seu e-mail, avisando-o que recebeu tal visita(s). É a partir dessas visitas que muitos se conhecem, olhando as fotos, comentários ou vídeos postados. Caso o membro não queira ser descoberto que visitou alguém, paga-se uma taxa para se tornar uma pessoa “invisível” e assim essa tal pessoa pode ficar no anonimato.

Para se ter uma “popularidade” muito alta nesse site é preciso ser bastante visitado ou pagar uma taxa. Caso contrário, o membro pode possuir uma popularidade média ou muito baixa e isso pode significar para quem for visitar “uma pessoa de aparência e conversa pouco agradável”, por não ter popularidade alta.

Houve algumas dificuldades no decorrer dessa pesquisa, pois nesse site para conversar com alguém de alta popularidade, respectivamente se deve ter também. E quando sem popularidade o membro tenta observar as fotos, aparece à mensagem:

“Infelizmente você não se encaixa nos critérios de busca desta usuária. Mas você ainda pode falar com ela e tentar. Para fazer isto deve ativar seus Super Poderes e aproveitar as vantagens.”Disponível em: <http://badoo.com>

E o fato de algumas travestis serem “populares” e as suas caixas de mensagens estarem “lotadas”, são necessários ativar os “super poderes” para a mensagem ser lida primeiro. Ou seja, pagar uma mensalidade ou postar várias fotos especialmente mostrando o rosto e o corpo. Esta é outra forma de visitar páginas do Badoo sem precisar pagar pelo serviço. Pode-se observar que no Badoo o registro fotográfico serve

como algo testemunhal, é mais resistente do que apenas trocar mensagens. Expor várias fotos constitui as histórias dos membros e assim afirma que “existem de verdade” são “daquele jeito da foto”. Ao olhar a imagem fotográfica não há como negar o que se vê, pelo fato da mesma, ser “espelho, transformação e traço do real” (DUBOIS, 1994, p.26). Isso faz com que vários membros aproximem-se dos outros devido ao que veem nas imagens postadas. São narrativas criadas através de imagens (fotos) e texto (perfil e frases) aproxima um ao outro quando percebem que estabelecem características semelhantes. Pois “o fato de partilhar um hábito, uma ideologia, um ideal, determina o “estar junto”, e permite que este seja uma proteção contra a imposição, venha do lado que vier”. (MAFFESOLI, 2006, p.159)

E por partilharem, em alguns casos, “algo em comum”, muitas pessoas marcam encontram, que é rápido, pois ao clicar em “Pessoas por Perto” abre uma possibilidade de encontrar pessoas de até mesmo da mesma cidade ou bairro. Alguns julgam que esse site, serve apenas para marcar encontros casuais, ou seja, as mulheres são garotas de programas e se tiver travesti também. Mas na realidade em alguns relatos de algumas travestis, informam ao contrário:



Figura 33- essa fotos não saiu nítida, pois eu não tive acesso, por não exibir as minhas. Nas fotos postadas, geralmente, elas procuram mostrar o corpo e o rosto. Fazendo poses em pé ou deitadas. Acesso em dezembro de 2011- <http://us1.badoo.com/01178903441/?r=41&p=2>

A meu respeito

Que conselho você dá para o homossexual que pensa em virar travesti? Vista roupas de mulher, sinta-se feminina, mas nunca abandone os estudos e siga uma profissão. Ser travesti não significa só ir para a rua e se prostituir. Você pode se vestir

de mulher e ter uma profissão digna. Preocupe-se mais com a sua consciência do que com a sua reputação. Pois a sua consciência é o que você é, e a sua reputação é o que os outros pensam de você. E o que os outros pensam, é problema deles. (Travesti Nickoli Beatrissy, seu perfil no Badoo). Acesso em dezembro de 2011: <http://badoo.com/pt/01178903441/>

Ela se identifica como travesti, tira apenas algumas fotos sensuais e quase todos os comentários que recebe são pornográficos, mas ela não apaga.

No Facebook algumas ao postarem as fotos, recebem comentários, curtem páginas e assim se integram a vários grupos e novas amizades. Com a facilidade que a internet oferece algumas conseguem se comunicar com travestis que estão em outros países com o sonho de ir embora do Brasil e começar uma nova vida com “glamour”. Muitas das travestis estão começando a utilizar o facebook e deixando de lado o seu Orkut.

2.4. Ascensão social *versus* transfobia

Em busca de uma *ascensão social*, muitas jovens travestis saem de suas cidades para países europeus no sentido de melhorar o rendimento econômico, contudo continuam sendo vítimas de agressões e assassinatos. Por exemplo, no ano de 2009 o corpo de uma travesti brasileira foi encontrado carbonizado num apartamento na Itália após a divulgação de um vídeo no qual um governador aparecia na companhia de travestis.



Figura 34-Travesti Brenda, com as mãos no cabelo, rosto maquiado, usando bolsa e brincos.

Acesso em dezembro janeiro de 2010:

<http://www.band.com.br/noticias/mundo/noticia/?id=225611>

De acordo com Gilberto Velho, a *ascensão* e o *prestígio* estão conectados a diversas formas de viver e de lidar com a individualidade fazendo parte do processo da construção da identidade, VELHO (1981). É com essas viagens para a Europa que algumas travestis conseguem dinheiro para delinear seus corpos com silicones, usar roupas de grife e comprar carros, apartamentos e etc. Embora na Europa as mesmas também sofram preconceito, mas bem menos que no Brasil.

Em 2011, uma travesti brasileira chamada Luísa Marilac virou um hit na web, exibindo um vídeo que segundo a mesma, foi uma resposta a boatos que ela estaria passando por dificuldades na Espanha. No vídeo ela aparece sozinha dentro de uma piscina falando que “nesse verão, eu decidi fazer algo diferente, ficar na minha piscina e beber bons drink e dividir com vocês esses momentos maravilhosos na Europa... Se isso é tá na pior *póorrãmmm*, o que quer dizer tá bem, né”?

Acesso em janeiro de 2012: http://www.youtube.com/watch?v=CAPc_4oOu0Y



Figura 35- Essa é a imagem do vídeo de Luísa Marilac, onde ela está dentro de uma piscina com um biquíni preto fio dental. Acesso em janeiro de 2012:
<http://www.agorajornais.com.br/322,nova-diva-gay-do-youtube-e-de-alem-paraiba.htm>

Ao contrário da travesti Brenda que foi assassinada na Europa, a travesti Luísa Marilac, saiu do Brasil por ter sido vítima de agressão por homofóbicos na cidade de São Paulo. Depois dessa violência, ela decidiu morar na Espanha, em outro vídeo postado no You Tube pela mesma, afirma: “não é só heterossexual que tem capacidade de ir a país de primeiro mundo... eu prefiro chupar um pau por 20 euros do que por 10 real... aqui não têm apedrejadas, cuspidas. Todo lugar tem preconceito, mas no Brasil...”

Acesso em janeiro de 2012:
http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=10AJuC3Uyrc#!

Esses são alguns exemplos de “respostas” aos estigmas, “as rotulagens” que lhe são concebidas, tanto a violência que já sofreu quanto sua ida para Europa, como forma de elevação de seu status social. Para Becker o *desviante*, ou seja, o “*outsider*” infringe alguma regra que foi criada pela sociedade. Sendo assim, Luísa Marilac buscou através da internet a oportunidade de sentir-se “por cima”, “poderosa” e “rica”.



Figura 36: Luísa Marilac se preparando para gravar um vídeo. Acesso em janeiro de 2012: <http://www.pbagora.com.br/conteudo.php?id=20110420160600>

Percebe-se que mesmo dentro ou fora do Brasil, há ocorrência de crimes homofóbicos, mas na Europa esses crimes ocorrem com menos frequência.

Em muitos dos crimes homofóbicos ocorridos na cidade de João Pessoa, quase todos são praticados de forma brutal com apedrejamento, facadas ou tiros como foi o caso do assassinato do travesti Daniel de Oliveira de 24 anos, que passou a ser assunto nacional, depois de ser exibido no programa fantástico da Rede Globo.



Figura 37: Esse vídeo mostra a imagem de um travesti sendo espancado por um grupo de rapazes. Vídeo exibido no programa Fantástico da Rede Globo, acesso em janeiro de 2012. <http://www.revistanordeste.com.br/noticias/paraiba>

O fato de serem rotuladas como “desviantes/anormais” por não seguirem as regras da “heteronormatividade”, por transitarem em dois universos da sexualidade (ter um comportamento social que não corresponde ao sexo biológico para a sociedade). Por passarem uma imagem que pra si faz bem e mal para os outros. E mesmo que em alguns

casos seja necessário “sentir a dor da beleza” (através de silicones industriais injetados) para conceberem um corpo feminino. São essas “desobediências” as regras da sociedade por não reproduzirem “corpos submissos e exercitados”, ou seja, “corpos dóceis” (FOUCAULT, 2004, p.119) que muitos travestis são vítimas de várias formas de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao levarmos em consideração as ideias de Goffman (1988), o mundo tal qual vivemos é um palco e as pessoas que nele estão inseridas são “atores/atrizes” representando diversos papéis sociais. Na visão desse autor, estamos contracenando e muitas vezes sem a necessidade de utilizar uma roupa, acessório, ou estar em algum ambiente propício para dar “realidade” a essa “encenação”, que também pode ocorrer apenas por meios de gestos, comportamentos, modos de gesticular a boca ao falar ou até mesmo só com o tom de voz. De qualquer forma, sabemos que a travesti não pode ser considerada apenas como um indivíduo do sexo biológico masculino que se traveste do sexo oposto e veste roupa feminina 24 horas por dia, tem silicone, cabelos compridos e está sempre maquiada. Esse é um tipo de modelo construído pelo senso comum. Mesmo assim, como entender a partir das imagens de algumas travestis suas “semelhanças” com poses de “divas famosas”? Por que travestis identificam-se tanto com cantoras famosas internacionais que, muitas vezes, também reproduzem gestos, falas e práticas estereotipadas da imagem feminina?

Entretanto, pude identificar nessa pesquisa que a fotografia contribui para a formação dessa identidade que foge dos padrões “normais” da sociedade. É a partir de suas imagens postadas, nas redes sociais virtuais, que elas se manifestam ao prestarem atenção nos detalhes se estão “bonitas”, “sensuais”, ou seja, “feminíssimas”. A sociabilidade entre elas se dá por meio das “trocas de comentários” nas fotos/perfis ou simplesmente através das “curtidas” nos seus perfis. O “dar, receber e retribuir” momentos diferentes que segundo Marcel Mauss (1974) é importante para manter as relações sociais entre os membros desse grupo.

No que tange a ideia de representação, as travestis ao estarem “congeladas” nas imagens, “não são mulheres” apenas a “representação de uma mulher”. Sendo assim, tendo o mesmo sentido da obra de René Magritte “Ceci n’est pas une pipi” (Isto não é um cachimbo) o qual traduz que a “imagem desenhada” é apenas uma “aparência enganosa”, ou seja, a “representação dela”, nas palavras de Foucault:

Mas quem me dirá seriamente que este conjunto de traços entrecruzados, sobre o texto, é um cachimbo? Será preciso dizer: Meu Deus, como tudo isso é bobo e simples, este enunciado é perfeitamente verdadeiro, pois é bem evidente que o desenho representando um cachimbo não é, ele próprio, um cachimbo? (FOUCAULT, 1988, p.20)

Nesse sentido, as imagens das fotografias “não são aquilo que estamos vendo”, mas a “representação de algo” que foi capturado pelo “clic” de uma câmera.

O modo que elas procuram estar nessas imagens é “típico” das “divas” que elas admiram, ou seja, “o fazer biquinho” (expressão para dar ideia que tem “a boca sensual” da atriz estadunidense Angelina Jolie), “mãos no joelho e empinar a bundinha” (passo de uma dança sensual baiana), “cabelos ao vento” (efeito utilizado por algumas cantoras famosas, por exemplo, Beyonce, Lady Gaga, Britney Spears entre outras para dar movimento aos cabelos no palco ou para pousar em fotos) e as poses “sensuais” características das “mulheres desejadas pelo público masculino”.

Entretanto “parecer ser” com essas “divas” nas fotografias tem o sentido de se sentir feminina, pois as travestis ao representarem procuram imitar “o sexo feminino”, estereotipado pelo senso comum. Elas procuram “imitar” “aquela mulher brasileira desejada” que segundo Kulick (1998) aqui no Brasil:

O símbolo e a essência da sedução feminina são as coxas rijas e torneadas, os quadris largos e a bunda proeminente (em forma de pera). A importância da bunda na cultura brasileira é muito evidente até para o mais desatento dos visitantes. A exposição conspícua de bundas no Carnaval, por exemplo, já é bastante conhecida. Mas mesmo durante o resto do ano as bundas são onipresentes. São exibidas com grande elã nas praias brasileiras, onde a parte de baixo do traje de banho, conhecida nacionalmente pelo sugestivo nome de “fio dental”, cobre apenas a genitália e mais nada. (KULICK, 2008, p.20)

É dessa forma que as travestis ocupam a sociedade “subvertendo” as regras por ter um “um sexo biológico” que não corresponde ao seu “comportamento social” para o senso comum. Em alguns momentos são elogiadas, em outros são “rotuladas” por estigmas e assim convivem, mas com a intenção de mostrar que possuem: Luxo, Riqueza e Sedução, três substantivos significativos para suas vidas “glamourosas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. Antropologia e imagem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2006.

BARTH, Fredrik. O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Organização: Tomke C. Lask Tradução: John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BARTHES, Roland. A Câmara Clara: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BECKER, Howard S. Outsiders. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar.

BENEDETTI, Marcos Renato. Toda feita – o corpo e o gênero das travestis. RJ, Garamond, 2000.

BENTO, Berenice – A reinvenção do corpo, sexualidade e gênero na experiência transexual – Rio de Janeiro. Garamond, 2006.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1990.

COLLIER, Jr, John. Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: EPU, 1973.

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papirus. 1994.

FELDMAM-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira. Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. São Paulo: Papirus, 1998.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1997.

GLUCKMAN, Max. “Análise situacional na Zululândia Moderna” – Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Global, 1987.

GOFFMAN, Erving. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós – modernidade. 11ª edição. Rio de Janeiro. 2006.

KULICK, Dom. Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil, 2008.

MACDOUGALL, David. Novos princípios da antropologia visual. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, 21(2): 19-31, 2005.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In sociologia e antropologia. EPU, São Paulo, 1974.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. Variações do feminino: diálogos entre gênero, cidade e transexualidade na Paraíba. Relatório científico. Edital MCT/CNPQ n.06/2008.2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, etnia e estrutura social. Pioneira. São Paulo. 1976.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos – notas sobre prostituição travesti. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, v.25, p.217 – 248,2005.

PIMENTA, Denise Nacif, et al. A importância do ergo design na avaliação de CD-ROM sobre dengue e doença de chagas na educação em saúde. Trab. Educ. Saúde, v. 6 n. 1, p. 147-167, mar./jun.2008.

POUTIGNAT, Philippe, STREIFF – FENART: Teorias da etnicidade, seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

SAMAIN, Etienne. Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano1, n.2, p.23-60, jul./set. 1995.

SIMMEL, in Velho, Otávio (org.) O fenômeno urbano. Guanabara. Rio de Janeiro. 1987.

SCOTT, Joan W. Gênero. Uma Categoria Útil de Análise Histórica. In: Educação e Realidade: Mulher e Educação, v.15, n. 2, jul./dez. 1990.

SONTAG, Susan. Ensaio sobre fotografia (On photography); trad.: Rubens Figueiredo; São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Zahar. Rio de Janeiro. 1981.

VESTAL, Davi. A integridade da fotografia. In: ACHUTTI, Luiz, Eduardo Robinson (org). Ensaio sobre o fotográfico. Porto Alegre, Unidade Editorial, 1998.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades “impensáveis”: pais e mães homossexuais, travestis e transexuais. Horizonte Antropológico, vol.12, n.26, Porto Alegre, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-71832006000200006&script=sci_arttext

ZANINE, Maria Catarina Chitolina. Por que cinema em Antropologia? Breve relato de uma experiência etnográfica de recepção etnográfica, RUA (UFSCAR), São Carlos, 2008. Disponível em: <http://www.ufscar.br/rua/site/>. Acesso em maio de 2012.

Sites consultados:

www.baddo.com

www.facebook.com

www.orkut.com

Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: o ano de 2011. Disponível em: <http://www.eloslgbt.org.br/2012/07/relatorio-da-sdh-sobre-violencia.html>

<http://www.revistanordeste.com.br/noticias/paraiba>

<http://www.agorajornais.com.br/322,nova-diva-gay-do-youtube-e-de-alem-paraiba.htm>

<http://hipersessao.blogspot.com.br/2011/06/o-infarto-de-isabelita-dos-patins.html>

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=10AJuC3Uyrc#!

